

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
CURSO EDUCAÇÃO FÍSICA BACHARELADO

LUCAS MATHEUS FEITOSA SANTOS

**O CAPACITISMO NO AMBIENTE ESPORTIVO DE RENDIMENTO: UM ESTUDO
COM ATLETAS DE ATLETISMO ADAPTADO**

Maceió - AL

2025

LUCAS MATHEUS FEITOSA SANTOS

**O CAPACITISMO NO AMBIENTE ESPORTIVO DE RENDIMENTO: UM ESTUDO
COM ATLETAS DE ATLETISMO ADAPTADO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação Física da
Universidade Federal de Alagoas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharelado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Silvan Menezes dos
Santos

Maceió
2025

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Girlaine da Silva Santos – CRB-4 – 1127

S237c Santos, Lucas Matheus Feitosa.

O capacitismo no ambiente esportivo de rendimento: um estudo com atletas de atletismo adaptado / Lucas Matheus Feitosa. – 2025.

34f.: il.: color.

Orientador: Silvan Menezes dos Santos.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física: Bacharelado) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Educação Física e Esporte. Maceió, 2025.

Bibliografia: f. 33 - 34.

1. Esporte adaptado. 2. Esportes- Aspectos sociológicos. 3. Jogos Paralímpicos. 4. Educação inclusiva. I. Título.

CDU: 796.42: 376.2

Folha de Aprovação

LUCAS MATHEUS FEITOSA SANTOS

O capacitismo no ambiente esportivo de rendimento: um estudo com atletas de atletismo adaptado

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora do curso de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 21 de maio de 2025.



Documento assinado digitalmente

SILVAN MENEZES DOS SANTOS

Data: 27/05/2025 17:35:38-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Orientador – Prof. Dr. Silvan Menezes dos Santos, UFAL)

Banca examinadora:



Documento assinado digitalmente

ANTONIO LUIS FERMINO

Data: 28/05/2025 08:50:22-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Examinador Externo – Prof. Dr. Antonio Luis Fermino, Semed – Florianópolis-SC)

(Examinador Interno – Prof. Dr. Higor Vinicius Rodrigues Spineli Silva, UFAL)



Documento assinado digitalmente

HIGOR VINICIUS RODRIGUES SPINELI SILVA

Data: 28/05/2025 10:54:46-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dedico à memória de minha querida avó
Doralice, a primeira pessoa a quem meus
pensamentos se voltam nos momentos mais
significativos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A seção de agradecimentos aparece nas primeiras páginas deste trabalho, mas para mim, ela representa o último gesto dessa longa caminhada acadêmica. Escrevê-la é, de certa forma, reviver toda a trajetória — os desafios, os encontros e as alegrias — e reconhecer que esse diploma não é apenas meu. Ele carrega marcas, gestos e apoios de muitas pessoas. Embora meu nome esteja na capa, essa vitória é coletiva, e a alegria é compartilhada.

Enquanto escrevo estas linhas, estou na pista de atletismo da UFAL/IEFE — o lugar que foi minha casa desde 2018. Curiosamente, minha jornada aqui não começou na Educação Física, mas foi por meio dela que me reencontrei. Entre mudanças de curso, dúvidas e descobertas, compreendi que a vida, talvez, seja esse movimento contínuo entre ideias, emoções e ações. Movimentos que só se concretizam quando há afeto, coragem e disposição para seguir em frente.

Começo agradecendo à população brasileira. Sim, você que, por meio dos impostos, torna possível que milhares de estudantes como eu tenham acesso à universidade pública e gratuita. Agradeço também às instâncias governamentais e aos programas de fomento à pesquisa, responsáveis por financiar meu desenvolvimento científico e permitir que eu dedicasse tempo e energia à produção de conhecimento — para o país e para mim mesmo.

Agradeço à comunidade acadêmica como um todo: estudantes, servidores, terceirizados, ambulantes, professores e professoras. Em especial, os que fizeram parte das minhas passagens pelos cursos de Geografia e Relações Públicas, antes de eu encontrar meu lugar na Educação Física.

Ao professor Antônio Alfredo, da Geografia, minha eterna gratidão. Foi ele o primeiro a perceber algum potencial em mim dentro da universidade. Um verdadeiro pai acadêmico.

Ao pessoal do Instituto de Educação Física e Esportes, meu muito obrigado. Aos profissionais da limpeza e segurança, com carinho especial à tia Eliane — minha gratidão sincera e eterna.

Aos professores que me formaram: cada um de vocês teve um papel fundamental. Aprendi e abstraí aspectos valiosos que levarei comigo na profissão. Em especial: Ao

professor Filipe Caetano, por ter me acompanhado mais de perto no último período, nos estágios e em momentos de ansiedade. Agradeço pela escuta, pelos conselhos e pela cumplicidade. À professora Mayara Damasceno, pelas aulas inspiradoras e pela postura profissional que se tornou referência para mim. À professora Thays, pela oportunidade de ser monitor de sua disciplina. Ao querido professor e amigo Higor, com quem compartilhei

cumplicidade, risadas, aprendizados e lições práticas de como ser um bom educador. Muito obrigado por ser tão grande como pessoa.

Aos amigos que estiveram ao meu lado nessa jornada: Henrique, Vitor, Raquel, Lucila, Melqui, Joanes, Neto e Danillo — obrigado pelos conselhos, pela ajuda e pela leveza nos momentos difíceis.

Aos parceiros de Atalaia: Caio, Cassio, Alexandre, Eduardo, Marcos e Arnaldo — vocês também fazem parte dessa história. Meu sincero agradecimento.

Aos meus companheiros de faculdade: Rebeca, Marcelo, Jorge, Gustavo, Arthur, Kelly, Jéssica, Marcos e Sara.

Ao pessoal do grupo Remix — Morgana, Pereira, Álvaro, Rose, entre outros — aprendi bastante com vocês.

Ao querido professor Silvan — que hoje chamo com orgulho de amigo -, você cruzou meu caminho ainda no primeiro período, e desde aquele momento te escolhi como espelho na universidade. Não tenho palavras para descrever a diferença que você fez em minha vida. Moldou-me com força e positividade como graduando e como cientista. Espero conseguir ser um profissional tão incrível quanto você. Te devo bastante, camarada.

Ao grupo de atletas da ADEFAL, obrigado pela oportunidade de vivenciar não somente o dia a dia de vocês, mas por me receberem de forma tão amistosa.

Ao meu pai, Cícero, meu reconhecimento pelos ensinamentos de vida e por ter me colocado no mundo.

Aos meus avôs, José e Genaro, minha gratidão por me ensinarem o valor do esforço na vida do homem.

Às minhas queridas tias Mirian e Vasti, que foram fundamentais para tudo o que estou me tornando. Sem vocês, com certeza, eu não teria chegado até aqui. Espero retribuir todo o carinho e dedicação investidos na minha formação como ser humano.

À minha Mãe — com letra maiúscula, para honrar a grande mulher que você é.

Guardo no coração todo o esforço que você fez por mim na infância e continua fazendo – junto ao meu querido padrasto Alexsandro - pelos meus irmãos, Anny e Samuel. Te amo profundamente.

À minha avó querida, Doralice. Sempre te amarei, minha Dorinha. Seu Luca passou por mais uma etapa. Sinto sua falta todos os dias.

E, acima de tudo, ao meu Deus: que a tua vontade seja sempre feita em minha vida. Adoto-re com profunda reverência.

PRÓLOGO

A ideia de escrever sobre o esporte adaptado para pessoas com deficiência não surgiu por acaso. Antes de ser uma escolha acadêmica, ela nasce de uma vivência social e pessoal. Cresci em uma cidade interiorana do estado de Alagoas, onde as desigualdades sociais e a marginalização de grupos discriminados eram (e ainda são) muito visíveis. Morando em uma cidade pequena, me relacionava com essas pessoas diariamente, observando suas potencialidades, paixões e os impactos dolorosos causados pelos estigmas sociais.

Desde cedo fui sensível às mazelas sociais e econômicas. Quando iniciei minha trajetória na Educação Física, tive a oportunidade de me envolver não apenas academicamente, mas também emocionalmente com pessoas com deficiência. Fiz amigos, criei laços — escrever sobre essa causa não é, para mim, apenas uma etapa em minha formação; é uma forma de contar histórias que podem influenciar positivamente aqueles que venham a ler estas palavras.

Não foi fácil escrever este trabalho. Ao mesmo tempo em que precisava manter o distanciamento necessário como pesquisador, também estava ali, vivendo com eles, compartilhando experiências, dores e alegrias. Para mim, essa é a beleza dos estudos socioculturais: não apenas relatar os acontecimentos com um olhar crítico, mas acreditar que nossas palavras podem, de alguma forma, transformar o espaço que estudamos.

A você que lê este trabalho de conclusão, convido a ter um olhar atento e respeitoso às diferentes corporalidades — e, acima de tudo, a cultivar a sensibilidade no encontro com cada indivíduo.

Lucas Matheus Feitosa Santos

“Estudante: aplica-te com espírito de apóstolo aos teus livros, com a convicção íntima de que essas horas e horas são já - agora! - um sacrifício espiritual oferecido a Deus, proveitoso para a humanidade, para o teu país, para a tua alma”.

(São Josemaria Escrivá, Caminho, nº 522)

RESUMO

Há uma estigmatização histórica associada às pessoas com algum tipo de comprometimento e um impacto da configuração societária no exercício da cidadania deste grupo social. Nas últimas décadas o esporte adaptado às pessoas com deficiência (PCD) foi um fator de fomento de soluções, equidade e luta por direitos que viabilizassem melhorias na causa anticapacista. Nesse sentido, o objetivo do trabalho foi compreender como atletas alagoanos/os com deficiência manifestam, ou não, o fenômeno do capacitismo no contexto esportivo e discursos que se referem ou não ao esporte. Por meio de uma pesquisa de inspiração etnográfica, com abordagem qualitativa dos achados, acompanhamos 12 atletas e dois membros da comissão de treinadores de uma equipe de atletismo adaptado na sua rotina de treinos durante seis meses. Observamos a organização estrutural da equipe esportiva, os sistemas de treinamento, a vida cotidiana dos atletas e a interação deles com seus parceiros de prática bem como com o espaço. Identificamos que o cenário esportivo adaptado reproduz o capacitismo linguístico em sua dinâmica cotidiana. Por conta de anos de coleguismo e amizade, a comunicação da PCD também pode ser influenciada a cometer reproduções não intencionais de preconceito, seja de capacitismo ou de homofobia, como exemplificado no trabalho. Destaca-se também a dupla situação de preconceito vivenciada pelas mulheres, advindas das discriminações para com o gênero feminino, bem como contra a deficiência. Além disso, fatores como a condição financeira, obstáculos para a profissionalização esportiva, a influência e interação dos atletas com as mídias sociais e a classificação funcional dos atletas se estruturam como operadores simbólicos capacitistas do contexto do esporte de rendimento.

Palavras-chave: Esporte adaptado; Anticapacitismo; Sociologia do esporte; Jogos Paralímpicos; Mídia; Inclusão social; Atividade motora adaptada.

ABSTRACT

There is a historical stigmatization associated with people with disabilities and the impact of societal configuration on the exercise of citizenship for this social group. In recent decades, adapted sports for people with disabilities (PWD) have been a driving factor for solutions, equity, and the fight for rights that enable improvements in the anti-ableism cause. In this sense, the aim of the study was to understand how athletes from Alagoas with disabilities express, or not, the phenomenon of ableism in the sports context. Through ethnographic- inspired research, with a qualitative approach to the findings, we followed 12 athletes and two members of the coaching staff of an adapted athletics team in their training routine over six months. We observed the structural organization of the sports team, the training systems, the daily lives of the athletes, and their interaction with their practice partners as well as with the space. We identified that the adapted sports scenario reproduces linguistic ableism in its daily dynamics. Due to years of camaraderie and friendship, the communication of PWD can also be influenced to unintentionally reproduce prejudice, whether ableism or homophobia, as exemplified in the study. The dual situation of prejudice faced by women is also highlighted, stemming from discrimination against both the female gender and disability. Furthermore, factors such as financial conditions, barriers to professional sports development, the influence of social media, and the functional classification of athletes serve as symbolic ableist operators in the high-performance sports context.

Keywords: Anti-ableism; Sociology of sport; Paralympic Games; Media; Social inclusion; Adapted motor activity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Gráfico com a distribuição de bolsas do programa bolsa atleta no estado de Alagoas entre os anos de 2023 e 2024.....	23
Figura 2 - Postagem de Ícaro sobre determinação	29
Figura 3 - Ícaro treinando lançamento de disco.....	29
Figura 4 - Fabiana em treino de natação.....	31
Figura 5 - Fabiana comemorando conquistas	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

(ADEFAL) – Associação dos Deficientes Físicos de Alagoas

(CEP) - Classificação Esportiva Paralímpica

(CPB) – Comitê Paralímpico Brasileiro

(IPIE) – Instituto de Pesquisa e Inteligência

Esportiva (IEFE) – Instituto de Educação Física e

Esporte (UFAL) – Universidade Federal de

Alagoas

(UFPR) – Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 METODOLOGIA.....	17
3. ACHADOS DO ESTUDO	18
3.1 A reprodução linguística do capacitismo	19
3.2 Condição financeira e o “não” profissionalismo	21
3.3 A classificação funcional como critério esportivo capacitista.....	24
3.4 O duplo desafio das mulheres com deficiência no contexto esportivo	25
3.5 As mídias sociais e o impacto no “ser atleta”	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ECLARECIDO.....	38

1. INTRODUÇÃO

A deficiência é, predominantemente, considerada uma questão de saúde pública relacionada ao bem-estar individual de milhões de pessoas no mundo. Por muito tempo foi por meio do panorama clínico que o termo foi abordado e definido, considerando o corpo como lesão e, assim, com impedimentos à sua participação coletiva. Junto a isso, de acordo com Maciel (2000), o estigma da deficiência foi enraizado desde os primórdios em diferentes estruturas sociais e, dessa forma, influenciou contemporaneamente em dinâmicas coletivas e familiares, visto a tendência de profissionais de saúde ressaltarem o diagnóstico e raramente transmitirem potencialidades das Pessoas com Deficiência (PCD).

Entretanto, com o passar dos anos e com os estudos sociológicos sobre o tema da deficiência, aspectos societários, políticos e organizacionais passaram a ser compreendidos. Foram tidos como tão influentes quanto a dimensão médica para o exercício pleno de cidadania e a potencialização de processos inclusivos adequados às PCD (Diniz, 2007).

Para Marques e Gutierrez (2014) o esporte contemporâneo pode ser compreendido de diferentes formas e significados – voltado ao contexto competitivo, inclusivo etc. Trata-se, sobretudo, de um fenômeno que espelha as múltiplas configurações socioculturais e socioeconômicas, articulando valores e normas legitimadas pelo tecido cultural em que está inserido. De tal forma, podem ser atribuídas as discussões das questões dos estigmas e das manifestações do capacitismo para com as PCD no ambiente esportivo, como fator preponderante para o combate aos preconceitos direcionados a esse grupo populacional.

Para Wolbring, o capacitismo é caracterizado por um conjunto de práticas, crenças e procedimentos que favorecem algumas habilidades em detrimento de outras, exaltando aqueles que possuem as habilidades que são habitualmente vangloriadas e inferiorizando aqueles que não as possuem — isso se aplica tanto à forma como o indivíduo enxerga outras pessoas quanto à sua própria.

Hilgemberg (2014) aponta nuances que estão relacionadas às representações dos atletas paralímpicos, em especial no tratamento midiático realizado pela imprensa brasileira e portuguesa para com as PCD. Além disso, a autora também produz indícios de como os atletas de alto rendimento de esportes adaptados entendem a cobertura midiática esportiva nos Jogos Paralímpicos (Hilgemberg, 2019).

A partir do que correntemente observamos nos estudos da deficiência, sua vinculação e veiculação com a mídia/imprensa esportiva, compreendemos a necessidade de uma investigação

que possibilite uma visualização intrínseca do entendimento identitário do atleta com deficiência, a partir de sua relação com aquilo que o caracteriza como tal: sua vivência esportiva. Nesse sentido, o objetivo do estudo foi compreender como atletas alagoanas/os com deficiência, junto ao corpo técnico da equipe, manifestam, ou não, o fenômeno do capacitismo no contexto esportivo, incluindo discursos que se referem diretamente ou indiretamente as atividades esportivas.

2. METODOLOGIA

A partir de uma investigação de inspiração etnográfica, com abordagem qualitativa dos achados, observei a organização estrutural de uma equipe esportiva, seus sistemas de treinamento, a vida cotidiana dos atletas e a interação deles com seus parceiros de prática e com o espaço de treinamento. Realizei uma observação participante de caráter moderado, buscando equilibrar a inserção nas práticas cotidianas com a preservação de uma postura analítica. A prática de campo seguiu os princípios da etnografia clássica, possibilitando a aproximação com os sujeitos e a coleta de dados baseada na vivência, nas relações e nos significados atribuídos às interações (Ataídes et al., 2021).

Acompanhei a rotina de treinamento de 12 atletas da Associação dos Deficientes Físicos de Alagoas (ADEFAL) e o trabalho de duas pessoas da comissão técnica. Os participantes da pesquisa são praticantes do atletismo adaptado e realizam seus treinamentos semanalmente no Instituto de Educação Física e Esporte da Universidade Federal de Alagoas (IEFE/UFAL).

As sessões de treino ocorrem às terças e quintas-feiras, das 8h às 10h, aproximadamente. As atividades iniciam-se com a prática de alongamentos e exercícios de aquecimento, com duração média de 40 minutos. A parte principal do treinamento é caracterizada pela divisão dos atletas em grupos, de acordo com suas modalidades específicas: alguns direcionam-se às provas de campo (como arremessos e lançamentos), enquanto outros concentram-se nas corridas de pista. Há também aqueles que transitam entre as duas áreas, conforme suas demandas técnicas.

Durante as sessões de observação, foi utilizado um diário de campo como instrumento sistemático de registro. As anotações eram realizadas principalmente ao final de cada treino e buscaram captar falas, gestos, dinâmicas de grupo e reflexões pessoais do pesquisador. O recorte temporal da observação de campo compreendeu o período de 12 de dezembro de 2023 a 16 de maio de 2024.

Além da observação direta, realizamos a coleta de dados nas redes sociais, mais especificamente nos perfis dos atletas no *Instagram*. A coleta concentrou-se, principalmente, nos

conteúdos publicados nos *Stories* da plataforma, ferramenta que permite compartilhamento de fotos, vídeos e postagens de terceiros com duração de 24 horas, mas também coletamos publicações do “Feed” da plataforma. Foram selecionados conteúdos que apresentavam relação

direta ou indireta com a prática esportiva, a construção da autoimagem e a forma como os atletas se representavam publicamente. Tanto elementos visuais quanto textuais foram considerados para análise integrada.

A coleta dos conteúdos no *Instagram* ocorreu de forma contínua, durante o período de dezembro de 2023 a maio de 2024, respeitando o ritmo de publicações dos participantes.

Em relação aos cuidados éticos, o estudo respeitou os princípios estabelecidos nas pesquisas com seres humanos, assegurando a preservação da identidade dos participantes. Embora os perfis analisados fossem de acesso público, optou-se por não identificar diretamente os atletas, tratando os conteúdos de forma a garantir sua privacidade e anonimato. Participaram do estudo pessoas com (atletas) e sem deficiência (membros da equipe técnica), maiores de 18 anos, autônomas e responsáveis pelo preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme projeto número 26617619.1.0000.0021, avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, parecer 3.831.278.

Para a análise dos dados, adotamos a Análise de Conteúdo, que segundo Bardin (2009, p. 41), esse tipo de análise “[...] trabalha com vestígios: os documentos que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles”.

3. ACHADOS DO ESTUDO

A seguir, o leitor encontrará os achados da pesquisa, a partir da análise das interações, falas, e representações observadas durante o trabalho de campo com a equipe de atletismo adaptado vinculados à ADEFAL. Com base no diário de campo, na convivência etnográfica e nos conteúdos coletados nas redes sociais, foram construídas cinco categorias de análise: 1) “A reprodução linguística do capacitismo”, que evidenciam a presença do discurso capacitista no cotidiano; 2) “A condição financeira e o ‘não’ profissionalismo”, que aborda o financiamento, reconhecimento e exclusão simbólica; 3) “A classificação funcional como critério esportivo capacitista”, discutindo como a categorização afeta os corpos e as subjetividades dos atletas; 4) “O duplo desafio as mulheres com deficiência no contexto esportivo”, trazendo a perspectiva de interseccionalidade na relação do capacitismo e o esporte adaptado; e 5) “As mídias sociais e o impacto no ‘ser atleta’”,

analisando como os atletas utilizam o ambiente digital para produzir sentidos sobre si mesmos, muitas vezes em contraposição ao olhar capacitista tradicional. Destaca-se que, apesar das falas apresentadas se concentrarem em 5 indivíduos, ocorreram interações corporais/gestuais e reações sonoras (como risos) que influenciaram nos comportamentos de todos.

3.1 A reprodução linguística do capacitismo

Durante nossa investigação, observei que os atletas expressaram comportamentos e discursos que, para aqueles que não estão inseridos em seu cotidiano ou não estão familiarizados com suas formas de comunicação, podem soar como estranhos. Entre essas manifestações, identificamos declarações que revelam tendências preconceituosas e capacitistas.

No dia 12 de dezembro de 2023, iniciei as observações de campo. Na ocasião, os atletas começaram as atividades com alongamentos e exercícios de ativação pré-treinamento. Em seguida, foram organizados em três grupos: o primeiro direcionado ao treinamento de corrida de 100 metros; o segundo, às práticas de arremesso de peso; e o terceiro, também voltado para os arremessos, composto por atletas com deficiências nos membros inferiores. Acompanhei o segundo grupo mencionado, composto pelos atletas Ícaro, João e Fabiana. A pista de atletismo da UFAL também é utilizada por equipes de futebol, e, por essa razão, havia uma trave posicionada em frente à área destinada aos arremessos. Os atletas, sob orientação do treinador José, utilizaram a trave como recurso no treinamento. O objetivo da atividade era transpor o peso por cima da estrutura, adaptando o espaço às necessidades da prática.

Em duas tentativas, o atleta João ao lançar o peso acertou a estrutura, gerando um diálogo:

Ícaro – Olha o miserável, você vai derrubar a trave, oh animal!

João – Fica quieto, doido!

Fabiana – Não se assuste não, Lucas, por aqui com eles é assim mesmo.

Ícaro – É, eu chamo ele de perninha, de inseto... animal. Ele me chama de mãozinha... de doido. É normal.

Fabiana - Ainda chamam de “viado”. O que não falta é ‘nome’ que eles chamam entre eles. O que eu escuto de “viado” e caba safado nos treinos... (risos).

Uma palavra que despertou atenção durante a conversa por seu caráter discriminatório foi “viado”. Monteiro e colaboradoras (2014) analisaram como jovens do Rio de Janeiro, de ambos os sexos, compreendem e vivenciam expressões que são marcadas por características de preconceito e

discriminação. No estudo, as autoras destacam que a ausência da não problematização de expressões intolerantes e hostis contribuem para a naturalização dessas práticas nas camadas sociais do Brasil. Assim, é possível inferir que, como ocorrem em diversos contextos coletivos brasileiros, PCD também são influenciadas por essas dinâmicas sociais, reproduzindo de maneira intencional os discursos e atitudes preconceituosa – como observado nesse caso, a homofobia.

Ademais, é possível identificar, por pressuposição, outro viés preconceituoso nos diálogos entre os atletas – desta vez, de caráter capacitista, existente dentro do próprio grupo. A ocorrência não se tratou de um acontecimento isolado, mas de uma prática presente no cotidiano da equipe. A linguagem adotada pelos atletas aparenta emergir de uma convivência marcada por uma amizade construída através dos anos, o que naturaliza expressões, palavras e tonalidades de fala. Observei essa dinâmica no excerto da atleta Fabiana, em conversa realizada após o término das atividades de treinamento:

O Ícaro é uma inspiração para mim. Ele gosta de provocar também. Quando eu cheguei aqui, falei para o treinador para ele não me colocar na corrida de jeito nenhum, botar em qualquer prova, menos na corrida. Cheguei no primeiro dia e ele me colocou para correr. Ai quando a gente ia para o ponto (de ônibus) o Ícaro disse ‘eu não dou uma semana para essa aí’ – Aí eu disse “que filho da mãe, você vai ver”. É para provocar, a gente rir. Fico animada.

Deixando mais clara a fala da atleta, quando Fabiana chegou ao atletismo da ADEFAL, sua condição era bastante diferente da atual. Classificada como T-37, ela está incluída em um grupo de pessoas com comprometimentos na coordenação motora, como hipertonia, ataxia e atetose. Me relatou que, no início, suas práticas em pista eram completamente distintas das atuais, pois não corria de forma tão condicionada como hoje, graças ao seu desenvolvimento enquanto atleta.

Dessa maneira, a provocação feita por Ícaro estava centrada justamente nessa situação de não “capacidade” percebida naquele momento inicial. O excerto traz à tona uma ambiguidade importante: o limite tênue entre uma provocação amistosa e o reforço de um estereótipo. Embora Fabiana releve com carinho e se sinta instigada pela brincadeira, é necessário ponderar a situação. Mesmo entre pares, esse tipo de interação pode alimentar discursos capacitistas internalizados.

A provocação opera sob a lógica do humor — uma ferramenta potente de socialização — mas que também pode contribuir para a manutenção de ideias cristalizadas sobre a capacidade física das PCD. A naturalização dessas manifestações dificulta sua problematização e pode obscurecer as desigualdades simbólicas presentes no cotidiano.

Essa característica não se restringe apenas aos atletas; o corpo técnico também recorre a signos provocativos como estratégia de motivação. Exemplo disso foi observado quando o treinador José afirmou:

“Eu provoco. Provoco mesmo para ver se acordo esses atletas dorminhocos e voadores”

A fala foi direcionada a um atleta usuário de cadeira de rodas que, ao tomar sua medicação horas antes do treino, aparenta sinais de sonolência e cansaço. Mais uma vez observamos uma provocação ganhando um tom ambíguo: ao mesmo tempo que busca gerar um engajamento e “despertar” o atleta, também se ancora em uma característica da deficiência física e condição dele.

Essas manifestações provocativas, mesmo quando envolvidas por laços de amizade ou por estratégias de motivação, tensionam uma imagem recorrente construída sobre o corpo da pessoa com deficiência: a de um sujeito puramente passivo, dócil ou “inspirador”. Mais especificamente sobre os atletas, Seron e colaboradores (2021) chamam atenção para o modo como a mídia, ao representar PCD, frequentemente recorre a estereótipos que associam esses corpos a uma imagem angelical — marcada por uma suposta inocência e incapacidade de expressar ações negativas, como raiva, confronto ou mesmo humor ácido.

A presença do humor provocativo entre os atletas e treinadores, como vimos nas falas anteriores, desafia essa representação unilateral. Aqui, a deficiência não está atrelada a uma imagem santificada ou de constante superação silenciosa, mas aparece em um campo de relações reais, marcadas por afetos, tensões e contradições. Os atletas riem, provocam, se desafiam e se incomodam.

3.2 Condição financeira e o “não” profissionalismo

No dia 07 de maio de 2024, durante a preparação para o treinamento, Ícaro e Fabiana iniciaram uma conversa sobre diferentes aspectos relacionado aos programa Bolsa Atleta. O principal foco do diálogo foi a discussão dos desafios enfrentados no contexto estadual, com ênfase no contexto do atletismo adaptado – em comparativo com outros esportes. A seguir, observamos um trecho da fala de Ícaro:

[...] O atletismo em si (em Alagoas) não ganha bolsa (estadual). São 4 bolsas (estaduais) e vai variando de esportes, porque tem natação, atletismo, handebol e basquete, são várias modalidades para poucas vagas de bolsa. Então... isso acaba dificultando muito, porque a bolsa atleta é o incentivo que dá ao atleta paralímpico a chance de desenvolver mais a

estrutura para alto desempenho, chegar ao nível lá em cima, começar de baixo para cima. Mas assim, sem o incentivo muitos vão sendo esquecidos por falta de benefícios.

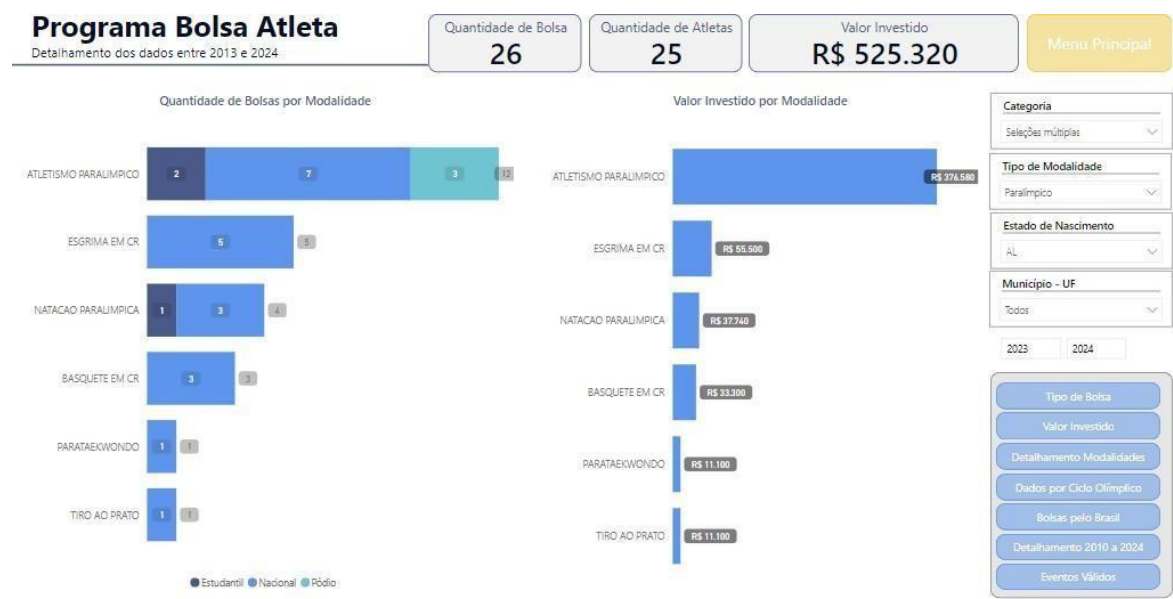
A fala evidencia uma dificuldade comum a diversos grupos de esportistas em diferentes regiões do país. É sabido que o Estado tem o dever de fomentar não somente a prática esportiva em suas diversas manifestações, mas também de garantir o devido aporte financeiro e a correta destinação desses recursos (Camargo et al. 2020). No entanto, os dois aspectos ainda apresentam fragilidades em termos de organização e efetividade. Na discussão, nos centramos na segunda questão levantada.

A permanência dos atletas nessa esfera está intrinsecamente ligada ao acesso a financiamentos adequados (Teixeira; Cappelle, 2023). Embora o investimento esportivo historicamente se concentre no alto rendimento (Camargo et al., 2020), observa-se que, no contexto paralímpico, os aportes financeiros destinados às modalidades são, em geral, inferiores aos destinados aos esportes olímpicos.

Essa temática é frequentemente discutida por Ícaro e Fabiana, considerados os atletas com maior nível de desempenho na equipe de atletismo da ADEFAL. As conversas sobre o ranking nacional são comuns entre os integrantes do grupo, mas, no caso de Ícaro e Fabiana, os objetivos vão além do prestígio esportivo: ambos almejam posições que possibilitem o acesso a recursos financeiros. Nesse contexto, torna-se evidente que a ampliação dos investimentos figura de forma significativa no imaginário deles enquanto atletas.

Cabe destacar que o programa Bolsa Atleta está organizado em diferentes categorias: Estudantil, Base, Nacional, Internacional, Olímpico/Paralímpico e Pódio. No estado de Alagoas, conforme os dados apresentados a seguir — disponibilizados pelo Instituto de Pesquisa e Inteligência Esportiva (IPIE), da Universidade Federal do Paraná (UFPR) —, há atletas contemplados com bolsas nas categorias Estudantil, Nacional e Pódio (FIGURA 1).

Figura 1- Gráfico com a distribuição de bolsas do programa bolsa atleta no estado de Alagoas entre os anos de 2023 e 2024.



Fonte: Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva (2024)

A base de dados utilizada abrange o período de 2013 a 2024. Para fins desta investigação, consideramos especificamente os anos de 2023 e 2024 – selecionado no campo de dados. Nesse intervalo, identificamos 26 bolsas concedidas a 25 atletas distribuídos em sete municípios alagoanos.

Embora o atletismo seja a modalidade que mais recebe recursos no estado, os números reforçam uma preocupação recorrente entre os atletas: a baixa quantidade de beneficiados e o limitado investimento no esporte regional. Fabiana, em uma de suas falas, comenta sobre esses dois pontos:

É um incentivo para nós atletas. Seria uma grande ajuda para nos manter no esporte, mas, infelizmente, há uma grande dificuldade em conseguir. A bolsa nacional, para conseguir, precisamos ficar entre os três melhores do Brasil, já a bolsa estadual deveria ser mais fácil, no entanto, o atletismo não é muito visto dentro do estado ou por quem está à frente. Quando se tem um paradesporto (competição) em um outro estado não somos inscritos, essa competição não conta pontos no CPB.

Todos os atletas expressaram opiniões convergentes sobre a importância dos investimentos para a manutenção regular das práticas esportivas. Apesar do avanço no processo de profissionalização do esporte adaptado para as PCD, ainda é significativo o número de

atletas que dependem de recursos próprios para permanecer no ambiente competitivo — uma realidade que pode acarretar prejuízos financeiros relevantes a médio e longo prazo (Marques e Gutierrez, 2014).

A vivência esportiva, na prática, não se baseia em um equilíbrio que permita ao atleta dedicar integralmente seus esforços físicos e mentais à modalidade. Pelo contrário, há uma tendência à instabilidade em outras esferas da vida cotidiana — especialmente quando não há um

suporte financeiro consistente —, o que impacta diretamente a continuidade e o desempenho da carreira atlética (Teixeira; Cappelle, 2023).

Ao analisarmos a realidade do grupo de atletas participante do estudo e sua inserção no cenário competitivo, observamos que o fator financeiro, aliado ao apoio de projetos esportivos governamentais, contribui para que os participantes se percebam como inseridos em um ambiente de profissionalismo. Para ilustrar essa percepção, destacamos a fala do assistente técnico da equipe, Josué:

[Lucas] Matheus, nem todos aqui são alto desempenho, alguns têm potencial para isso, especialmente Fabiana e Ícaro... talvez o Paulo também. Eles têm mais chances de pegar uma bolsa, mas alguns outros estão mais por saúde mesmo.

Nesse excerto, percebemos que a associação entre alto desempenho e apoio financeiro não é apenas compartilhada pelos próprios atletas, mas também reconhecida pelo assistente técnico. Tal percepção evidencia uma visão capacitista interiorizada sobre o que constitui, ou não, um atleta de nível competitivo — como se a profissionalização estivesse condicionada exclusivamente à presença de recursos institucionais, desconsiderando outras dimensões da experiência esportiva das PCD -, entendida no exemplo, através das repetições de frases semelhantes ao longo do período de observação.

3.3 A classificação funcional como critério esportivo capacitista

A Classificação Esportiva Paralímpica (CEP) é o sistema responsável por definir quais atletas são elegíveis para competir e como serão agrupados nas diferentes modalidades. Cada esporte possui seu próprio sistema classificatório, com nomenclaturas em inglês e números que indicam o grau de comprometimento funcional do atleta (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2023). O principal objetivo desse sistema é minimizar o impacto da deficiência sobre o resultado

competitivo, buscando garantir que a excelência esportiva — e não a limitação física — seja o principal determinante da vitória.

No que diz respeito à realidade dos sistemas de classificação, os participantes da pesquisa demonstraram posicionamentos enfáticos, especialmente ao expressarem a necessidade de uma atuação mais qualificada por parte dos profissionais responsáveis por essa etapa. Essa perspectiva é evidenciada na fala da atleta Fabiana, conforme registrado a seguir:

[...] É uma questão que deveria ter maior igualdade na classificação dentro do CPB, que dizem ser feitas e baseadas no grau de deficiência. Sou classificada como T-37 que é pista e F-37 que é campo e tenho certo grau de limitação, mas nas competições que tenho ido, tem atleta com grau de comprometimento quase nada e que são classificados nessa mesma classe. De alguma forma, isso causa um pouco de desmotivação, na minha opinião isso deveria ser revisto.

O sentimento expresso pela atleta participante deste estudo encontra paralelo na trajetória de Beth Gomes, atleta de destaque nacional, cuja experiência é relatada por Tonon (2022). Beth enfrentou um processo emocionalmente desgastante ao ser realocada em sua classificação, revelando que essa problemática não se restringe a contextos periféricos ou afastados dos grandes centros esportivos. Ao contrário, trata-se de uma questão que atravessa diferentes camadas do sistema esportivo paralímpico brasileiro, configurando-se como um desafio estrutural que demanda atenção e ações pautadas na equidade. Em sua pesquisa sobre a percepção do corpo e o sistema de classificação entre jogadores de Rugby em cadeira de rodas, Vega (2023) destaca, a partir do relato de um dos entrevistados, que a experiência com a classificação vai além da tentativa de garantir um ambiente esportivo equitativo, mas também define aqueles que podem ou não estar dentro desse universo competitivo, influenciando várias dimensões na vida dos atletas. Conectando ao capacitismo, os efeitos das reclassificações impactam diretamente na maneira como os sujeitos se observam como esportistas – podendo gerar o sentimento de infelicidade ou até mesmo levá-los ao abandono da prática esportiva quando são colocados em categorias que os desfavorecem.

3.4 O duplo desafio das mulheres com deficiência no contexto esportivo

As mulheres com deficiência estão inseridas em um contexto interseccional¹ de

¹ Uma abordagem sociológica que analisa como diferentes marcadores sociais — como raça, classe, gênero, orientação sexual, localidade e idade — se articulam de forma simultânea e integrada, moldando as experiências

vulnerabilidade, no qual são atravessadas simultaneamente por preconceitos de gênero e capacitismo (Brasil, 2009). A primeira dimensão refere-se às desigualdades históricas entre homens e mulheres; a segunda, às limitações sociais impostas pela condição de deficiência. Embora o debate em torno da equidade de gênero tenha avançado nas últimas décadas, inclusive com a formulação de dispositivos legais que buscam mitigar tais desigualdades, as barreiras estruturais ainda se mostram persistentes na contemporaneidade (Monge, 2021). No contexto dessa investigação, é fundamental reconhecer que as experiências vivenciadas por Fabiana, não podem ser compreendidas pela deficiência e gênero isoladamente, mas através de uma combinação de ambos – ainda acrescentando os aspectos geográficos e familiares ao cenário que se demonstra sensível, por haver uma operação tão singular.

Em uma das sessões de observação, Fabiana, após o treinamento, compartilhou uma experiência marcante de sua juventude. Sua deficiência é congênita, durante sua infância ela cresceu em uma região rural de uma cidade interiorana de Alagoas:

Meus pais não me apoiaram para o esporte, na verdade nem para estudar. Quando eu comecei, minha mãe disse que se os “bons” não arrumam trabalho, imagina os “troncho”. Eu era implicante, brincava sem ela saber. Como menina eu ajudava nas coisas de casa, mas para brincar e futuramente estudar e para o esporte, não apoiaram não.

Alguns dias após esse primeiro relato, retomamos a conversa sobre sua trajetória. Ao esclarecer os temas abordados anteriormente, Fabiana explicou que a ausência de incentivo por parte de seus pais à sua inserção no esporte — assim como em outras áreas — estava vinculada a uma postura de superproteção. Segundo ela, a atitude foi resultado da falta de conhecimento específico sobre sua condição, bem como da ausência de apoio externo que os orientasse sobre formas mais adequadas de lidar com a situação.

Na situação observada, o ambiente familiar exerceu um impacto significativo no desenvolvimento de Fabiana. Historicamente, as PCD foram frequentemente percebidas por meio de olhares reducionistas, marcados por relações de subjugação, estigmatização e exclusão. Esse olhar socialmente construído passa a compor o imaginário coletivo e, muitas vezes, é reproduzido de maneira não intencional. No caso da atleta, tal reprodução manifestou-se na forma de uma proteção excessiva por parte dos pais, que, diante da falta de informação e de acesso a recursos adequados, acabaram por limitar sua inserção em espaços considerados normativos, como, para

muitos, o ambiente esportivo. O relato demonstra – mesmo que de modo não aprofundado – que o gênero feminino potencializa a trama capacitista quando interseccionado à deficiência (Brasil, 2009; Passos; Telles; Oliveira, 2020), visto que a participante se tornava responsável por realizar atividades diárias destinadas, corriqueiramente, em um imaginário machista, ao sexo feminino.

A conjuntura necessita ser transformada por meio da ampliação e qualificação de ferramentas que promovam não apenas o bem-estar e a qualidade de vida das PCD, mas também o fortalecimento do apoio oferecido às pessoas que compõem seus núcleos familiares. Tal apoio deve englobar dimensões humanas, financeiras e socioeducativas, de modo a favorecer uma rede de suporte digna. Essa abordagem contribui para a efetivação dos direitos das PCD, fortalece a equidade social e colabora para a atenuação dos impactos negativos historicamente vivenciados por esse grupo populacional (Diniz, 2007; Passos; Telles; Oliveira, 2020).

Na dimensão esportiva, o gênero feminino é historicamente marginalizado, não evidenciado somente em registros passados, mas manifestados em práticas contemporâneas, sobretudo no que se diz respeito ao apoio estrutural e institucional em comparativo ao destinado às modalidades masculinas (Adelman, 2003). Esse cenário não se restringe ao ambiente esportivo, mas se configura como um reflexo de outros espaços da sociedade, como o mercado de trabalho, a política e, até mesmo, o ambiente educacional. Observa-se, portanto, uma estrutura social ampla da desigualdade e marginalização. Voltando ao cenário esportivo, na edição dos Jogos Paralímpicos de Paris 2024, observamos uma importante mudança nessa conjuntura, apontando para um cenário mais favorável às atletas femininas. Ao todo, 116 mulheres representaram o Brasil no megaevento, correspondendo a 45% da delegação nacional — o maior número já registrado em todas as edições, tanto em valores absolutos quanto em termos percentuais. Este dado demonstra um quadro altamente positivo, considerando o crescimento da presença feminina na delegação brasileira em 400% no período compreendido entre os jogos de Atenas (2004) e Tóquio (2021) (GE, 2021).

3.5 As mídias sociais e o impacto no “ser atleta”

Os últimos séculos foram marcados por significativos avanços tecnológicos, informacionais e capitalistas, os quais contribuíram para a constituição da cibercultura no cenário global contemporâneo. Ao tratarmos da cultura, referimo-nos a uma dimensão essencialmente social da experiência humana, englobando os múltiplos aspectos da vida em sociedade (Concone, 2012). No âmbito do esporte profissional, observa-se uma relação intrínseca entre diferentes protagonistas, tais como atletas, instituições esportivas, treinadores e, cada vez mais em evidência, os adeptos. Esses

sujeitos compõem o que se pode denominar de cultura esportiva, frequentemente analisada ao longo dos anos sob uma perspectiva alinhada ao *mainstream*². Na contemporaneidade, torna-se pertinente refletir sobre como as autorrepresentações de atletas com deficiência podem desempenhar um papel fundamental na forma como são compreendidos socialmente (Hilgemberg, 2023).

O advento das redes sociais provocou um impacto substancial na conectividade em escala global. Embora aspectos financeiros, políticos e mercadológicos sejam frequentemente debatidos, destaca-se, de maneira mais significativa, a forma como essas plataformas moldam ações e interações individuais no ambiente virtual. Além disso, é simbólica a capacidade de reverberação das opiniões e ações, que podem influenciar desde pequenos grupos até grandes coletividades.

Os atletas sem deficiência são retratados, normalmente, pela grande mídia como símbolos de excelência, modelos de fisicalidade e heroísmo. Em uma sociedade global marcada pelo orgulho, o corpo assume o papel de objeto de culto (Santos, 2016). Nesse cenário, os atletas são frequentemente apresentados pela grande mídia como modelos de excelência física e comportamental, idealizados como figuras heroicas. Com o advento das comunidades virtuais, esse imaginário passa a ser complementado por um acesso mais direto ao cotidiano desses esportistas, permitindo novas formas de visibilidade e interação.

Hilgemberg (2023) analisa o movimento de (re)apropriação da imagem corporal por meio do perfil e das fotografias publicadas pela atleta paralímpica Camille Rodrigues no *Instagram*. A nadadora se destaca por construir uma narrativa visual que rompe com o imaginário social tradicional, recusando representações pautadas na vitimização. Em vez disso, Camille normaliza a presença do membro amputado e o uso da prótese, apresentando-os como partes integrantes de sua identidade e corporeidade.

Durante o período da investigação, foi realizada uma coleta de dados com base nas publicações feitas pelos atletas em seus perfis pessoais no *Instagram*.

Os materiais coletados apresentaram uma diversidade de conteúdos centrados, principalmente, nas rotinas de treinamento dos atletas. Além disso, foi possível identificar a presença frequente de vídeos e frases com teor motivacional, muitas vezes voltadas à valorização do esforço pessoal, da disciplina e da superação de limites. Tal material – *Stories* -

² Corrente ideológica ou cultural que é mais dominante ou convencional em certo período ou local. Entretanto, quando se trata das PCD, a experiência corporal é muitas vezes atravessada por opressões em diversos âmbitos sociais (Diniz, 2007), e esse processo também se manifesta no ambiente midiático — um espaço que pode ser hostil com aquilo que foge aos padrões normativos. Ainda assim, no contexto digital, marcado por uma maior autonomia individual, atletas com deficiência encontram possibilidades mais livres de autorrepresentação, expressando seus corpos, opiniões e rotinas de maneira menos mediada e mais autêntica.

possui uma característica efêmera nas redes, mas nos mostra pistas interessantes da forma como os atletas se percebem..

Figura 2 - Postagem de Ícaro sobre determinação



Fonte: arquivo do *Instagram* (2024)

Figura 3 - Ícaro treinando lançamento



Fonte: arquivo do *Instagram* (2023)

Na imagem apresentada na figura 2, observamos a reprodução de um vídeo postado contendo a frase: “Não é sorte, sou eu acordando cedo, orando e fazendo a minha parte até dar certo!”. O conteúdo evidencia a construção de uma narrativa pautada no esforço pessoal, espiritualidade e determinação, que simboliza aspectos associados à disciplina e superação.

Já na figura 3, visualizamos o atleta em plena execução de um treino de lançamento de disco nas dependências do complexo esportivo da UFAL. Tal imagem reforça a intencionalidade do participante em expor a sua rotina de treinamento como parte da sua identidade esportiva,

colaborando para a representação de uma autoimagem comprometida com o alto rendimento esportivo.

Ao ser questionado sobre a recorrência desse tipo de conteúdo — como vídeos e imagens que evidenciam esforço, rotina e empenho — Ícaro respondeu da seguinte forma:

Bem, mano, quando criança eu sempre quis ser atleta, mas nunca imaginava que era possível por conta da minha deficiência. Mas eu brincava na rua e na escola com pessoas normais, ali acabava a diferença entre nós, ou seja, a inclusão acontecia. Posto meus vídeos de treinamento para mostrar para a sociedade que não é deficiência, e sim eficiência. Vídeos de motivação para inspirar outras pessoas a continuar, porque tudo é possível.

O intuito de Ícaro ao compartilhar suas vivências, opiniões e formas de compreender o mundo ao seu redor dialoga diretamente com o conceito antropológico de performatividade. Esse termo refere-se ao modo como ações, comportamentos e falas constroem ou produzem realidades

— sejam elas ligadas ao gênero, à raça ou à deficiência (Borba, 2014).

Por outro lado, é possível perceber que a performatividade também pode atuar de maneira negativa, especialmente ao reforçar discursos capacitistas. Nesse sentido, ela acaba por sustentar a ideia de um corpo normativo como padrão desejável, o que contribui para a marginalização da pessoa com deficiência, caracterizando seu corpo como disfuncional (Martin, 2021). Essa percepção se torna ainda mais evidente ao lembrarmos a estrutura dicotômica que sustenta a visão médica da deficiência — uma lógica que, muitas vezes, transfere à própria pessoa com deficiência a responsabilidade por sua condição.

Entretanto, as manifestações de Ícaro em suas redes sociais vão ao encontro das reflexões de Fortes (2020), que aponta a performance como uma ferramenta significativa para que o sujeito contemporâneo expresse suas ideias e modos de vida. Segundo a autora, seja no campo da arte, do gênero ou da política, a performance atua como um dispositivo potente de expressão identitária, ao passo que “convoca o corpo ao mesmo tempo que invoca o sujeito”.

Seguindo a mesma estrutura de ideias e pensamento, Fabiana comentou o seguinte:

Eu posto para que as pessoas ampliem sua mentalidade, para que vejam que ter alguma limitação não significa ser incapaz. É uma forma de mostrar que sou normal como qualquer outra pessoa, de inspirar e ajudar aqueles que precisam.

Me considero normal e ajo dentro da normalidade possível. Minha vida é como a de qualquer pessoa que não é PCD, com rotina e desafios do dia a dia.

As falas demonstram uma movimentação clara de ressignificação da deficiência. Ao afirmar que posta para ampliar o conhecimento das pessoas, ela rompe com o olhar comumente reducionista que associa a limitação física com a incapacidade. Sua autorrepresentação não é construída a partir de uma vitimização, mas sim de um corpo com possibilidades. De tal maneira, manifesta a performatividade de um corpo que resiste às expectativas capacitistas, propondo uma vivência digna e que enfrenta desafios cotidianos inerentes a qualquer pessoa em sociedade.

De maneira muito interessante, podemos traçar um paralelo com o que geralmente observamos na mídia tradicional. O uso do verbo inspirar, neste caso, não carrega uma conotação de espetacularização da deficiência, como é comum, mas aparece como um convite à ampliação da compreensão sobre o que é viver com uma deficiência — sem, no entanto, se reduzir a ela.

Figura 4 - Fabiana em treino de natação



Fonte: arquivo do *Instagram* (2024)

Figura 5 - Fabiana comemorando conquistas



Fonte: arquivo do *Instagram* (2024)

Débora Diniz (2007) afirma que o corpo com deficiência é delineado por meio de comparações com corpos socialmente normatizados. Em consonância com o que a atleta expressa em suas falas, esse corpo não deve ser compreendido como “anormal”, uma vez que a noção de normalidade é uma construção estética pautada em valores morais e nos estilos de vida dominantes na sociedade. Em outras palavras — e retomando a reflexão apresentada — todos os sujeitos possuem limitações e potencialidades, com ou sem deficiência.

Além disso, a atleta enfatiza a importância de diferentes áreas da sua vida para o desenvolvimento pessoal, destacando como essas dimensões influenciam sua forma de se relacionar e de se expressar nas redes sociais:

Além de também me motivar. Pois cada postagem que faço relacionado ao que faço no meu dia a dia me mostram que sou e posso ser o que eu quiser. O que devo trabalhar são meus três lados: o físico, o espiritual e o emocional. Que é só querer que consigo. Isso é demonstrado em cada evolução que tenho a cada dia.

O excerto acima, assim como outros relatos já apresentados, revela uma percepção pessoal que se distancia de discursos capacitistas. Suas publicações nas redes sociais expressam uma autorrepresentação fortalecida, ancorada no autoconhecimento e na busca constante por equilíbrio entre corpo, espírito e emoção.

O que podemos trazer como reflexão é que, em comparação com as demais análises desta investigação, o campo das redes sociais foi o único em que não identificamos manifestações evidentes do capacitismo. Talvez isso se deva ao fato de que, nas redes, a comunicação é voltada a um público mais amplo e diversificado — composto também por pessoas com corpos considerados normativos — o que pode levar o atleta a um cuidado maior com a forma como se expressa. Esse comportamento mais polido e universalizado se diferencia daquele observado nas interações presenciais, especialmente entre colegas de treino e amigos, onde as marcas da convivência e da informalidade permitem que certos discursos e posturas — inclusive capacitistas — se manifestem com mais facilidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender como atletas alagoanos com deficiência manifestam, ou não, o fenômeno do capacitismo no contexto esportivo de rendimento. A partir da

aproximação etnográfica e da análise qualitativa dos dados, foi possível identificar diferentes dinâmicas de reprodução e resistência ao capacitismo no cotidiano dos participantes.

Observamos, inicialmente, a presença de expressões linguísticas que, embora utilizadas como ferramentas de sociabilidade e humor entre os atletas, carregam resquícios de estigmatizações. Termos como "doido", "perninha" ou "mãozinha" emergem em um ambiente de camaradagem, mas evidenciam como a linguagem pode atuar tanto como meio de aproximação quanto como reforço de discursos capacitistas naturalizados.

O aspecto financeiro apareceu como outro operador simbólico relevante. Mais do que um incentivo para a prática esportiva, o acesso a bolsas de apoio foi percebido pelos atletas como um marcador interno de distinção, separando aqueles considerados "mais capazes" dos demais — uma dinâmica que, mesmo entre pares, reproduz hierarquias e expectativas capacitistas.

A análise sobre o sistema de classificação funcional revelou, ainda, como a categorização dos corpos impacta diretamente na identidade esportiva dos atletas, afetando suas trajetórias e experiências para além das competições. Sentimentos de desmotivação e injustiça emergiram nas falas dos participantes, evidenciando que o capacitismo não se limita ao olhar externo, mas também é incorporado nas estruturas do próprio esporte adaptado.

Outro ponto crucial foi a constatação do duplo desafio enfrentado pelas mulheres com deficiência, atravessadas simultaneamente por preconceitos de gênero e de deficiência. A interseccionalidade desses marcadores demonstra a necessidade de olhares mais sensíveis e políticas públicas mais efetivas para garantir a equidade no ambiente esportivo.

Por fim, as redes sociais surgem como espaço de performatividade e reconfiguração identitária. Nas mídias digitais, os atletas se autorrepresentam de maneira a desafiar os estereótipos tradicionais, promovendo narrativas centradas na competência, na autonomia e na complexidade de suas existências. Foi notável que, neste ambiente, não ocorreu manifestações de características capacitistas, indicando que a construção da autoimagem digital pode atuar como estratégia de resistência e de empoderamento.

Assim, concluímos que o capacitismo no ambiente esportivo de rendimento manifesta-se de formas complexas, nem sempre explícitas ou intencionais. O estudo evidencia a necessidade de abordagens críticas no esporte adaptado que não apenas incluam PCD, mas que também enfrentem e desfaçam as estruturas simbólicas e práticas que sustentam o capacitismo. Este trabalho, portanto, contribui para ampliar o debate sobre deficiência, esporte e inclusão, e abre caminho para futuras investigações que explorem com maior profundidade as tensões entre normalização, resistência e

agência no cotidiano esportivo das PCD.

No que se refere à formação e à atuação do Bacharel em Educação Física, este trabalho contribui ao propor uma reflexão crítica sobre os discursos e práticas presentes no cotidiano esportivo que, muitas vezes, passam despercebidos, mas que reproduzem lógicas capacitistas. O estudo convida futuros profissionais da área a adotarem posturas mais conscientes, inclusivas e sensíveis às diferentes corporalidades que compõem o ambiente do esporte, ao evidenciar como essas manifestações ocorrem tanto em interações interpessoais quanto em estruturas institucionais. Ademais, ressalta a importância de uma atuação ética, comprometida com a equidade e com a desconstrução de estereótipos, especialmente no trato com atletas com deficiência. Dessa forma, o trabalho oferece subsídios para que o profissional da Educação Física atue como agente de transformação social.

5. REFERÊNCIAS

ADELMAN, M.. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n. 2, p. 445–465, jul. 2003.

ATAÍDES, F. B.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, A. A. F. A etnografia: uma perspectiva metodológica de investigação qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 48, p. 133-147, 2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 43, p. 441–473, 2016.

BRASIL. Decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. *Diário Oficial da União* 2009; 26 ago.

CAMPOS, B. CURY, F.. Participação feminina do Brasil é recorde em Jogos Paralímpicos. **GE**. São Paulo, 21 de ago. de 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpiadas/noticia/participacao-feminina-do-brasil-e-recorde-em-jogos-paralimpicos.ghtml>. Acesso em: 15, agos. de 2024.

CAMARGO, P. R. DE. et al.. Financiamento público, preparação olímpica e aplicação de recursos: o caso da confederação brasileira de handebol. **Journal of Physical Education**, v.31, p. e3167, 2020.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Classificação Esportiva Paralímpica**. c2024. Disponível em: <https://cpb.org.br/classificacao/classificacao-esportiva/>. Acesso em: 07 de ago. 2024.

CONCONE, M. H. V. B. A noção de Cultura. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 51–66, 2012. DOI: 10.23925/2176 901X.2011v14i3p51-66. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/10098>. Acesso em: 18 jan. 2025.

COSTA, J.; RIBEIRO, A.. Maior participação feminina e censo de atletas por estado: veja raio-x paralímpico de Paris 2024. **GE**. Taserina, 15 de ago. de 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/pi/paralimpiadas/noticia/2024/08/15/maior-participacao-feminina-e-censo-de-atletas-por-estado-veja-raio-x-paralimpico-de-paris-2024.ghtml>. Acesso em: 15, agos. de 2024.

DINIZ, D. **O que é deficiência**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FIGUEIREDO, T. H. Do Coitadinho ao Super-herói: Representação social dos atletas

paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **Ciberlegenda**, n. 30, p. 48-58, 2014.

FORTES, I.. A performance como linguagem: corpo, ato, gênero e sujeito. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 23, n. 2, p. 44–50, maio 2020.

HILGEMBERG, T. Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos da deficiência. **Recorde - Revista de História do Esporte**, v. 12, p. 1-19, 2019.

HILGEMBERG, Tatiane. O corpo com deficiência nas mídias sociais: a autorrepresentação da atleta paralímpica Camille Rodrigues no Instagram. **Revista Mundaú**, Maceió, v. 5, n. 13, p. 1– 18, 2023.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 26, n. 1, p. 61–73, 2014.

MACIEL, M. R. C. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 51–56, abr. 2000.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L. **O Esporte Paralímpico no Brasil: profissionalismo, administração e classificação de atletas**. São Paulo: Phorte, 2014.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 225–242, 2008. DOI: 10.22456/1982-8918.3580. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3580>. Acesso em: 15 set. 2024.

MONTEIRO, S. S.; VILLELA, W. V.; SOARES, P. DA S. É inerente ao ser humano! A naturalização das hierarquias sociais frente às expressões de preconceito e discriminação na perspectiva juvenil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 421–440, 2014.

MONGE, I. A. G. **Discapacidad y deporte en los medios de comunicación de Canarias. Análisis de las informaciones sobre Michelle Alonso en Eldía y la Provincia**. 2021. 39p. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em jornalismo) – Facultad de Ciencias Sociales y de la Comunicación, Universidad de La Laguna, Tenerife.

PASSOS, R. L.; TELLES, F. S. P.; OLIVEIRA, M. H. B. DE.. Da violência sexual e outras ofensas contra a mulher com deficiência. **Saúde em Debate**, v. 43, n. spe4, p. 154–164, 2019.

SERON, B. B. et al.. O esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista – dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade. **Movimento**, v. 27, p. e27048, 2021.

TEIXEIRA, T. S.; CAPPELLE, M. C. A. A carreira esportiva de alto rendimento e o equilíbrio entre trabalho e vida privada. **Revista Gestão em Análise**, Fortaleza, v. 12, n. 1, p. 85– 102, 2023. DOI: 10.12662/2359-618xregea.v12i1.p85-102.2023. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/gestao/article/view/4540>. Acesso em: 7 ago. 2024.

TONON, L. M. M. **Beth Gomes**: Uma Atena Brasileira. Rolândia: Instituto e editora Cintia Chiarelli, 2022.

VEGA, G. P. Z. **Percepción del cuerpo y del sistema de clasificación funcional de los jugadores de rugby en sillas de ruedas de la selección Bogotá**. 2023. 109 p. Dissertação (mestrado em Discapacidad y Inclusión Social) – Facultad de Medicina, Universidad Nacional de Colombia, Bogota, 2023.

WOLBRING, G. The Politics of Ableism. **Development**, v. 51, n. 2, p. 252–258, 2008.

SANTOS, S. G. dos. **Era do espelho: A captura do olhar nas redes sociais**. 2016. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Silvan Menezes dos Santos, professor dos cursos de Educação Física (EF) do Instituto de Educação Física e Esporte da Universidade Federal de Alagoas (IEFE/UFAL), convido você a participando estudo intitulado: “Observatório de mídias, tecnologias digitais e práticas corporais”.

Neste caso para o qual está sendo convidado/a, você participará do plano de trabalho do estudante Lucas Matheus Feitosa Santos, intitulado “Olhando com os olhos dos atletas com deficiência para o capacitismo: uma experiência com câmera na mão”.

O objetivo desta pesquisa é compreender como atletas com deficiência alagoanas/os manifestam (ou não) marcas do capacitismo midiático-esportivo em suas rotinas de treinamento. A sua perspectiva sobre esta temática pode colaborar na construção de conhecimentos que talvez possibilitem melhorias na forma com que a mídia e a população em geral se referem a estas práticas corporais, nos processos de ensino-aprendizagem da área da Educação Física em instituições educativas, bem como qualificações para a formação de professores de EF.

Os interessados em participar, serão convidadas/os a gravarem, em áudio e vídeo, momentos referentes as suas rotinas de treinamento, exclusivamente nas dependências do IEFE/UFAL, na pista e campo de atletismo. A ideia é compreender através dos materiais como ocorre o relacionamento da prática esportiva e como os atletas interagem com os outros de seu grupo/equipe de treinamento. Ademais, será proposta a ideia de conversas entre a equipe de pesquisa para com os participantes, para melhor compreensão de expressões verbais utilizadas durante a rotina de treino. Sobre o material para gravação, os pesquisadores são responsáveis por disponibilizarem os objetos necessários. É possível que você se sinta constrangido(a) de compartilhar suas opiniões durante a gravação da referida pesquisa, todavia, saliento que você estará livre para solicitar o cancelamento das gravações e interações que venham a acontecer, bem como desistir de sua participação a qualquer momento. Garantiremos o caráter anônimo das informações aferidas das gravações.

Você não terá nenhum benefício direto pela sua participação na pesquisa. No entanto, a sua opinião poderá nos ajudar a produzir conhecimentos que contribuirão para com a sociedade, tanto na representação midiática como no relacionamento com as tecnologias digitais.

Eu posso ser contatado para esclarecer suas dúvidas e fornecer-lhe informações sobre a

pesquisa antes, durante ou depois que ela for encerrada. Posso ser localizado no Instituto de Educação Física e Esporte, Sala 1, da Universidade Federal de Alagoas, Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, CEP 57072-900, nos seguintes dias e horários: segunda a sexta-feira, das 9:00 às 19:00. Posso ser contatado também no seguinte telefone (82) 3214-1873 ou endereço de email: silvan.santos@iefe.ufal.br.

A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

As informações relacionadas ao estudo serão conhecidas por outros membros do grupo de pesquisa coordenado pela minha pessoa. No entanto, quando divulgarmos a pesquisa em forma de relatório, artigos científicos ou apresentações em congressos, utilizaremos um nome fictício para que a sua identidade seja preservada.

As despesas necessárias para a realização da pesquisa (impressões dos questionários, etc) não são de sua responsabilidade e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código ou pseudônimo.

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PROPEP) da Universidade Federal de Alagoas, pelo telefone (82) 3214-1069.

Eu, _____ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Maceió, ____ de _____ de _____

Participante do estudo

[Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE]